



VIVÊNCIAS COTIDIANAS DE MULHERES QUILOMBOLAS: LUTAS, SABERES E MEMÓRIAS

Marciele Neres de Jesus¹

E-mail: marcieleneres@gmail.com

Dinalva de Jesus Santana Macêdo²

Elionara Teixeira Boa Sorte³

Universidade do Estado da Bahia- UNEB/DEDC XII

RESUMO

Este texto apresenta um recorte de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Educação do Campo, que teve como objetivo geral analisar as lutas, saberes e memórias que perpassam as vivências cotidianas das mulheres quilombolas da comunidade Boi, Pindaí-BA. E como objetivos específicos: identificar o protagonismo das mulheres quilombolas dentro da comunidade Boi, a partir das suas memórias, lutas e saberes; compreender através das vivências das mulheres quilombolas, quais as estratégias de lutas contra as opressões raciais e de gênero perpassam o cotidiano dessas mulheres e identificar os espaços sociais, políticos e culturais ocupados por essas mulheres dentro da comunidade. As participantes foram quatro mulheres quilombolas com idade entre 40 a 60 anos de idade. Para descrever as vivências dessas mulheres utilizamos as entrevistas narrativas e a análise dos dados fundamentam-se nos princípios teóricos-metodológicos da decolonialidade, observando como essas mulheres desconstruem as opressões coloniais cotidianamente. Os resultados evidenciam algumas dificuldades vivenciadas pelas mulheres quilombolas da comunidade Boi, como a falta de acesso à educação, condições precárias de trabalho, violências domésticas, dentre outras, mas ao mesmo tempo apresentam os enfrentamentos produzidos por elas ao longo do percurso, por meio de ações conjuntas em prol da emancipação do povo quilombola.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres quilombolas. Comunidade Boi. Sertão Produtivo. Saberes.

INTRODUÇÃO

A pesquisa em discussão localiza-se em um contexto sociocultural marginalizado, em uma comunidade construída pelos sujeitos e sujeitas que resistem diariamente e subvertem os

¹ Mestrado em Educação Pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Professora da Educação Básica do Município de Guanambi. Membro do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire-NEPE/DEDC XII. E-mail: marcieleneres@gmail.com

² Doutora em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia. Pós-Doutora em Educação, pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Professora Titular da Uneb- Campus XII de Guanambi. Professora do Mestrado da UESB/PPGED. Membro do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire-NEPE-DEDC XII. E-mail: dinalvasantanamacedo@gmail.com

³ Doutora em Enfermagem e Saúde pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Membro do Centro de Estudos e Pesquisas sobre Mulher, Gênero, Saúde e Enfermagem (GEM-UFBA), do Grupo de Pesquisa sobre Mulher, Gênero e Saúde (GPSMS-UNEB). Professora Assistente da UNEB, DEDC XII-Guanambi. E-mail: boasorte@uneb.br

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



NEPE
Núcleo de Estudos, Pesquisas
e Ações em Educação
Popular

16 a 19 de agosto

espaços de poder com as suas subjetivações. Trata-se de um estudo construído com as mulheres quilombolas, partindo das suas vivências, saberes e memórias, que indagam a sociedade e constroem resistências.

As vozes das mulheres quilombolas precisam ecoar nos diversos espaços culturais, rompendo com o silenciamento histórico enraizado na sociedade moderna. Partindo dessa perspectiva, esta pesquisa foi realizada com as mulheres quilombolas da Comunidade Boi, localizada no município de Pindaí-BA, no território de Identidade Sertão Produtivo. Para tanto, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar as lutas, saberes e memórias que perpassam as vivências cotidianas das mulheres quilombolas da comunidade Boi. A partir dos objetivos específicos buscamos: identificar o protagonismo das mulheres quilombolas dentro da comunidade Boi, a partir das suas memórias, lutas e saberes; compreender através das vivências das mulheres quilombolas, quais as estratégias de lutas contra as opressões raciais e de gênero perpassam o cotidiano dessas mulheres; identificar os espaços sociais, políticos e culturais ocupados por essas mulheres dentro da comunidade.

As vozes registradas em tela expressam saberes emergentes que são constituídos pela concepção cultural, dentro de uma comunidade quilombola e desse modo é moldada conforme os fazeres deste povo. Assim, é indispensável o papel exercido pelas mulheres na desconstrução de saberes universais e preservação das tradições culturais.

REFERENCIAL TEÓRICO

As mulheres quilombolas, possuem seus itinerários marcados pela intersecção de raça, classe e gênero, que ocasionam as opressões em seus percursos, tentando apagar suas realizações ao longo da história. Desse modo, a raça entra como um marcador de desigualdade, historicamente construído, hierarquizando os grupos sociais, inferiorizando e determinando lugares a serem ocupados conforme a cor de cada sujeito social.

Segundo Lélia Gonzalez (2011, p.15),

O racismo latino-americano é suficientemente sofisticado para manter negros e indígenas na condição de segmentos subordinados no interior das classes mais exploradas, graças a sua forma ideológica mais eficaz: a ideologia do branqueamento, tão bem analisada por cientistas brasileiros.

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



NEPE
Núcleo de Estudos, Pesquisas
e Projetos em Educação
e Políticas da Universidade
do Estado da Bahia

16 a 19 de agosto

Nesse interim, as mulheres são classificadas pela raça, pelo gênero e pela classe a qual pertencem, por meio de estereótipos fixados na sociedade brasileira. Essas opressões são reproduzidas de forma interseccional (CRENSHAW, 2020), e se materializam na vida das mulheres negras e quilombolas, que são vítimas de violências de gênero, até mesmo dentro das suas próprias casas.

A normalização dessas violências, que acontecem na maioria das vezes sutilmente, compactua para dominações físicas e psicológicas das mulheres negras e quilombolas, em meio a um contexto marcado pelo patriarcado, em que o sexo biológico e a cor da pele determinam a quem deve exercer o poder. Segundo Gonzalez (2016), o racismo pode ser caracterizado como uma construção ideológica, concretizado por diferentes processos de discriminação racial. E enquanto discurso de exclusão, é perpetuado e reinterpretado, para atender os interesses daqueles que se beneficiam com a exclusão dos grupos sociais negos.

Diante disso, as mulheres seguem construindo estratégias, contrapondo o sistema e seus mecanismos de subalternização. Suas vozes narram as suas próprias histórias, em meio aos apagamentos constantes. Nas palavras de Collins (2016), as mulheres negras definem a si próprias e assim validam o poder das mulheres negras enquanto sujeitos humanos. Desse modo, ao se autodefinirem quebram as suposições realizadas pela supremacia branca e opressora, contradizendo por meio das suas falas e corpos os dizeres racistas propagados pelos opressores.

As especificidades das mulheres negras demandam ações afirmativas de combate as opressões que perpassam suas vivências de forma interseccional, como sublinha Akotirene (2019). O racismo e sexismo é visível na trajetória dessas mulheres, através dessas opressões as situações de submissão são intensificadas. Nesse intento, constroem-se relações de poder que moldam as formas de ser e estar no mundo, tendo como principais fundamentos a hegemonia e universalização dos/as sujeitos sociais. Aqueles que não correspondem aos ideais predominantes são assujeitados a seguirem as determinações do modelo hegemônico de sociedade.

A formação das identidades de gênero e fortalecimento étnico dessas mulheres, por meio dos aportes epistemológicos feministas, é de suma importância para a construção dos processos de reexistências dentro das lutas das mulheres negras, que refletem criticamente sobre o papel social que ocupam dentro da comunidade.

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



NEPE
Núcleo de Estudos, Pesquisas
e Projetos em Educação
e Políticas Sociais

16 a 19 de agosto

Nesse sentido, o histórico das mulheres negras associado as opressões raciais, de gênero e de classe é amplamente discutido dentro dos debates do movimento feminista negro, que desde o princípio, questiona as fragilidades do feminismo branco que possuem pautas diferentes, não contemplando as especificidades das mulheres negras. Destarte, não traduzem as realidades vivenciadas por elas, que diferente das mulheres brancas, lutam pelo direito a vida.

Dentro desse contexto, as mulheres negras precisam quebrar as amarras, desconstruir as barreiras, mover as rochas e passar pelo caminho, refletindo o passado para compreender as explorações presentes, na busca de um futuro que não exclua os/as diferentes, mas acolha independente da classe, do gênero, da cor e da orientação sexual. É necessário persistir para continuarem existindo, pois, desistir não faz parte do projeto de vida almejado desde as gerações passadas, que lutaram e enfrentaram diversos tipos de opressões para proteger seu povo e garantir a existência de toda uma geração.

METODOLOGIA

Tornar visível os saberes e lutas das mulheres quilombolas da comunidade Boi, exige reconhecer suas experiências como parte de um processo de transgressão e quebra de construções sociais pautadas na normatividade branca. Maldonado-Torres (2018) remete a necessária mudança de atitudes na busca por um projeto baseado na decolonialidade. Nesse sentido, por meio da abordagem decolonial, pois a pesquisa, construída em conjunto com mulheres plurais, tece caminhos de reexistências, e rupturas em busca de caminhos outros, pela sobrevivência de toda uma geração. Para descrever as vivências cotidianas das mulheres quilombolas da Comunidade Boi, utilizamos as entrevistas narrativas, que nos possibilitaram a escuta e registro de seus relatos, como protagonistas no processo.

Nas entrevistas narrativas se considera que nossa memória é seletiva, lembramos daquilo que 'podemos' e alguns eventos são esquecidos deliberadamente ou inconscientemente. Nessa perspectiva, o importante é o que a pessoa registrou de sua história, o que experienciou, o que é real para ela e não os fatos em si (passado versus história) (MUYLAERT et al., 2014, p. 195).

Por meio das narrativas, as experiências das mulheres quilombolas da comunidade Boi serão compartilhadas e as suas lutas visibilizadas, a partir dos seus saberes e fazeres que permanecem registrados em suas memórias.

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



NEPE
Núcleo de Estudos, Pesquisas
e Projetos em Educação
Popular

16 a 19 de agosto

As narrativas foram coletadas no ano de 2021, durante a minha pesquisa de mestrado, que foi submetida ao Comitê de Ética da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e aprovada posteriormente. Na época foram entrevistadas 08 mulheres, no entanto, somente 04 narrativas foram usadas na dissertação, dessa forma, as demais foram analisadas nesta pesquisa.

As participantes da pesquisa foram quatro mulheres quilombolas com idade entre 40 a 60 anos, que constroem no decorrer das suas trajetórias, maneiras de superar as diversas dificuldades que perpassam suas histórias de vida. As interlocutoras foram: Juani, Edite, Irene e Eva. Os nomes são verídicos, pois, elas permitiram que fossem utilizados seus próprios nomes para visibilizar suas experiências de vida dentro da comunidade. A análise dos dados tomou-se como base a perspectiva decolonial que possibilitou compreender como essas mulheres desconstruem as opressões coloniais sofridas cotidianamente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO/RELATO DE EXPERIÊNCIA

O cotidiano das mulheres quilombolas é marcado por lutas e resistências dentro das comunidades. São mulheres que desde cedo enfrentam as problemáticas que estão presentes internamente nos quilombos e refletem nas experiências construídas pelas pessoas que pertencem ao lugar, como destacam as mulheres quilombolas, ao descreverem suas trajetórias dentro da Comunidade Boi. O trabalho na roça é marcante nas vivências das participantes da pesquisa que começavam a trabalhar precocemente para ajudar no sustento da família. Sobre isso Juani (2021) enfatiza: “minha trajetória começou na minha infância em idade de oito anos trabalhando na roça né, o estudo era pouco, sempre nós trabalhávamos na roça, nossos pais eram de família pobre”.

Ora, na medida em que existe uma divisão racial e sexual de trabalho, não é difícil concluir sobre o processo de tríplex discriminação sofrido pela mulher negra (enquanto raça, classe e sexo), assim como seu lugar na força de trabalho (GONZALEZ, 2016, p. 406).

Os relatos remetem a um passado difícil, de trabalho árduo, tendo como prioridade a sobrevivência dentro do quilombo, ambas as interlocutoras narram suas vivências na busca pelo sustento das famílias. Assim como Juani descreve anteriormente, Edite, Irene e Eva também carregam em suas memórias as situações precárias de trabalho vivenciadas. Irene, por exemplo,



lembra que quando trabalhava na roça “não tinha nem comida que presta para levar, era um pouquinho de comida no prato sem merenda sem nada”.

No decorrer das narrativas das mulheres quilombolas da Comunidade Boi, é possível perceber os enfrentamentos vivenciados por cada uma delas, assim como as superações e conquistas realizadas. Por isso elas lembram as suas histórias e demonstram gratidão por terem conseguido sobreviver. Edite destaca: “Então foi uma vida muito sofrida, hoje em dia, graças a Deus a gente está na glória”. Juani carrega consigo a seguinte frase: “Nunca desisti e hoje estou aí”.

Faz parte do percurso de algumas protagonistas, as violências e lutas enfrentadas com seus cônjuges. Desse modo, Eva narra: “Ele bebia e ficava doido era caçando até faca”. Diante dessas violências, Eva não teve como manter o casamento e conseguiu após muitos desafios, se separar e construir uma casa para viver com seu filho.

Juani também lembra da época em que seu marido consumia bebidas alcoólicas e adoeceu da depressão:

Difícil o marido bebia, eu tinha que enfrentar a luta com a bebida, mas não desisti por causa dos filhos, depois nós fomos embora, foi trabalhar, eu fiquei uns três anos fora daqui, depois nós voltamos, veio a depressão nele que até hoje ele está tomando remédio, mesmo assim eu não desisti, criei meus filhos tudo, fiquei doze anos por ai, sem trabalhar, passando por lutas difíceis, pedindo ajuda os outros, mas não desisti dos meus filhos, nem desisti da minha luta, hoje meus filhos graças a Deus todos são formados, formatura simples, mas é formado através da minha luta, Deus primeiramente e a minha luta... né (Juani, 2021).

Mesmo diante das dificuldades, Juani priorizou o estudo dos/as filhos/as, e reconhece a importância da educação na vida deles. No entanto, dentro das comunidades quilombolas e do campo, o acesso a escola para os jovens e crianças ainda encontra dificuldades, na distância e deslocamentos. Contrapondo as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Quilombola (BRASIL, 2012), que preconiza em seu texto o direito do acesso a escolarização dentro das próprias comunidades.

Desse modo, Macêdo (2015) enfatiza que as escolas quilombolas precisam questionar os currículos, repensar as práticas educativas e as relações estabelecidas com as comunidades quilombolas e as lideranças locais, para que possam sugerir propostas de educação escolar a partir da realidade sociocultural dessas populações. Uma educação que contemple os valores e saberes advindos da população quilombola, tendo como princípios a valorização da



comunidade e das formas de vida presentes no território.

Assim, a população quilombola pertence aos povos do campo, e possuem suas vivências interpeladas por essas duas características, ser do campo e também ser quilombola, logo as lutas desses sujeitos visa uma escola que contemple seus direitos, considerando essas duas especificidades.

As Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas escolas do campo (DOEBEC – Resolução CNE/CEB Nº. 1 – de 3 de abril de 2002) estabelecem princípios para que a Educação do Campo seja contemplada nas diversas instituições de ensino, definindo a identidade das escolas do campo com base nas realidades e saberes dos estudantes. Princípios estes, que também fazem parte do contexto quilombola, considerando que a maioria dos quilombos estão localizadas no campo e compartilham das várias opressões vivenciadas por esses povos, tendo a raça como um marcador, que contribui para intensificar as desigualdades.

Conforme a Resolução nº 2, de 28 de abril de 2008 a Educação do Campo destina-se as populações rurais nas suas variadas formas de vida, contemplando agricultores familiares, extrativistas, pescadores artesanais, ribeirinhos, assentados e acampados da Reforma Agrária, quilombolas, caiçaras, indígenas e outros.

Os saberes das mulheres entrevistadas estão presentes no manejo das terras e criação de animais, no conhecimento das ervas medicinais, nos fazeres culinários e ancestrais.

Irene, Edite e Eva cultivam hortaliças em seus quintais, que utilizam para alimentação diária. Por meio da produção e consumo de alimentos saudáveis conseguem manter os ensinamentos passados de geração em geração, cuidando da terra que fornece a alimentação, um território sagrado que carrega histórias de várias gerações. Assim, “as atividades das mulheres negras nas famílias, Igrejas, instituições da comunidade e expressão criativa podem representar mais do que um esforço em mitigar pressões advindas da opressão” (COLLINS, 2016, p. 113).

As protagonistas registram o orgulho de pertencer a comunidade, se autoreconhecem como negras e percebem as suas trajetórias marcadas por batalhas diárias e como foram construindo formas para vencer e subverter todas elas, como descreve Edite em trechos da entrevista: “Eu me sinto muito feliz, me sinto muito honrada de ser essa negra que eu sou, me sinto muito feliz graças a Deus, eu criei minhas filhas tudo, batalhei muito para criar elas, graças a Deus criei sete meninas”.

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



NEPE
Núcleo de Estudos, Pesquisas
e Projetos em Educação
Popular

16 a 19 de agosto

Desse modo, as culturas locais vão se perpetuando tradicionalmente, nas agências dessas mulheres, que desenvolvem trabalhos diversos, contribuindo com a economia local e atuando politicamente na tomada de decisões dentro do território por meio das suas participações nas reuniões e assembleias. Entretanto, as ações dessas mulheres são invisibilizadas historicamente, desse modo a luta pela valorização das suas atuações dentro das comunidades é constante e ultrapassa as barreiras impostas pelo racismo e sexismo.

CONCLUSÃO

Este estudo buscou analisar as lutas, saberes e memórias que perpassam as vivências cotidianas das mulheres quilombolas da comunidade Boi. As experiências construídas por essas mulheres marcam um processo de construção política dentro da comunidade, que perpassa pelas construções históricas dessas mulheres. Evidencia-se um percurso marcado pelos resquícios da opressão, mas expressam as desconstruções realizadas ao longo do processo. Nessa perspectiva, foi possível identificar narrativas insurgentes de mulheres que estão à frente, como ativistas emergentes, em um contexto excluído socialmente.

A partir dos relatos, pode-se compreender como as mulheres da Comunidade Boi se organizam estrategicamente, frente as violações de direitos. Ocupando espaços políticos e participando de forma assídua na manutenção do território quilombola. Edite, Eva, Irene e Juani narram experiências de vida, insurgentes que se assemelham as de muitas outras mulheres, tecendo saberes outros, por meio dos movimentos socioculturais.

Vozes ecoam e buscam pelo direito de existir e o controle sobre os corpos perde cada vez mais o poder, ao mesmo tempo que aumentam as resistências, os grupos excluídos, a exemplo das mulheres quilombolas que subvertem aos padrões e descolonizam suas existências.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Cerneiro; Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais)



BRASIL. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica. **Parecer homologado CNE/CEB, 16/12 do Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica, publicado no D.O.U. de 20/11/2012**, Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. Brasília, DF, 2012.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB 1, de 3 de abril de 2002**. Institui diretrizes operacionais para a educação básica nas escolas do campo. Diário Oficial da União, p. 32-32, 2002.

BRASIL. **Resolução nº 2, de 28 de abril de 2008**. Estabelece diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo. Diário Oficial da União, p. 25-26, 2008.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within. **Sociedade e Estado**, v. 31, p. 99-127, 2016.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista estudos feministas**, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2020

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afrolatinoamericano. **Caderno de Formação Política do Círculo Palmarino**, São Paulo, n.1, 2011.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica. In: RODRIGUES, Carla; BORGES, Luciana; RAMOS, Tania Regina Oliveira (orgs). **Problemas de Gênero**. Rio de Janeiro: Funarte, 2016.

MACÊDO, Dinalva de Jesus Santana. **Educação em Comunidades Quilombolas do Território de Identidade do Velho Chico/BA**: indagações acerca do diálogo entre as escolas e as comunidades locais. Programa de Pós-Graduação em Educação—Universidade do Estado da Bahia (tese de doutorado). Salvador: UNEB, 2015.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón (orgs). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Autêntica, 2018.



MUYLAERT, Camila Junqueira *et al.* Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, p. 184-189, 2014.